


**A VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: DESAFIOS E
POSSIBILIDADES NA EDUCAÇÃO BÁSICA****LINGUISTIC VARIATION AND THE TEACHING OF THE PORTUGUESE LANGUAGE:
CHALLENGES AND POSSIBILITIES IN BASIC EDUCATION****VARIACIÓN LINGÜÍSTICA Y LA ENSEÑANZA DEL PORTUGUÉS: RETOS Y
POSIBILIDADES EN LA EDUCACIÓN BÁSICA** <https://doi.org/10.56238/rcsv15n11-004>**Data de submissão:** 17/10/2025**Data de aprovação:** 17/11/2025**Ana Vitória Dias Lima**

Mestranda no Programa de Pós-graduação em Ensino de Língua Portuguesa e suas respectivas
Literaturas
Instituição: Universidade do Estado do Pará (UEPA)
E-mail: vituria7@gmail.com

Andreluza de Fátima da Silva Pombo

Mestranda no Programa de Pós-graduação em Ensino de Língua Portuguesa e suas respectivas
Literaturas
Instituição: Universidade do Estado do Pará (UEPA)
E-mail: andreluza42@gmail.com

Aurora de Castro Pantoja

Mestranda no Programa de Pós-graduação em Ensino de Língua Portuguesa e suas respectivas
Literaturas
Instituição: Universidade do Estado do Pará (UEPA)
E-mail: auroradecastropantoja@gmail.com

Cindy Isabelle Hage Pantoja

Mestranda no Programa de Pós-graduação em Ensino de Língua Portuguesa e suas respectivas
Literaturas
Instituição: Universidade do Estado do Pará (UEPA)
E-mail: cursoderedacaoprofcindyhage@gmail.com

Danielle Doce Dias Silva

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação, Linguagem e Cultura
Instituição: Universidade da Amazônia (UNAMA)
E-mail: docedias.to01@gmail.com

Elizete Ferreira Morais Barbosa

Mestranda no Programa de Pós-graduação em Ensino de Língua Portuguesa e suas respectivas
Literaturas
Instituição: Universidade do Estado do Pará (UEPA)
E-mail: prof.elizetemorais@gmail.com

Thácila Mikaelen Mendes da CunhaMestranda no Programa de Pós-graduação em Ensino de Língua Portuguesa e suas respectivas
Literaturas

Instituição: Universidade do Estado do Pará (UEPA)

E-mail: thacilamendes96@gmail.com

Vanessa Palheta Rodrigues

Especialista em Língua Inglesa e Literatura

E-mail: vanpalheta@gmail.com

RESUMO

O presente artigo analisa a relação entre a variação linguística e o ensino de língua portuguesa na educação básica, com o objetivo de compreender como a diversidade linguística é abordada nas práticas pedagógicas e de que forma ela pode contribuir para uma educação linguística mais inclusiva e crítica. Fundamentado na Sociolinguística Variacionista (Labov, 1972; Tarallo, 1985) e nas reflexões de autores como Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2005) e Faraco (2008), o estudo ancora-se em uma metodologia qualitativa e descritiva, baseada na análise de conteúdos obtidos por meio de questionários aplicados a professores do ensino fundamental. Os resultados indicam que, embora exista um avanço no reconhecimento da importância da variação linguística, ainda persistem práticas pedagógicas ancoradas em concepções normativas da língua, o que limita o desenvolvimento de uma perspectiva plural e contextualizada do ensino. A análise revela, ainda, que muitos docentes reconhecem o valor sociocultural das diferentes variedades linguísticas, mas carecem de formação teórica e metodológica para incorporá-las de forma efetiva às aulas. Conclui-se que o ensino de língua portuguesa precisa avançar na valorização da diversidade linguística, superando o preconceito linguístico e promovendo a reflexão crítica sobre o uso da língua como prática social. O estudo reforça a necessidade de novas pesquisas que explorem estratégias didáticas inovadoras voltadas à formação docente e ao letramento sociolinguístico, consolidando a integração entre teoria e prática educativa.

Palavras-chave: Variação Linguística. Ensino de Língua Portuguesa. Sociolinguística. Educação Básica. Formação Docente.

ABSTRACT

This article analyzes the relationship between linguistic variation and the teaching of Portuguese in basic education, aiming to understand how linguistic diversity is addressed in pedagogical practices and how it can contribute to a more inclusive and critical language education. Based on Variationist Sociolinguistics (Labov, 1972; Tarallo, 1985) and the reflections of authors such as Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2005), and Faraco (2008), the study is anchored in a qualitative and descriptive methodology, based on the analysis of content obtained through questionnaires applied to elementary school teachers. The results indicate that, although there is progress in recognizing the importance of linguistic variation, pedagogical practices anchored in normative conceptions of language still persist, which limits the development of a plural and contextualized perspective on teaching. The analysis also reveals that many teachers recognize the sociocultural value of different linguistic varieties, but lack the theoretical and methodological training to effectively incorporate them into their classes. It concludes that Portuguese language teaching needs to advance in valuing linguistic diversity, overcoming linguistic prejudice and promoting critical reflection on the use of language as a social practice. The study reinforces the need for further research exploring innovative teaching strategies focused on teacher training and sociolinguistic literacy, consolidating the integration between theory and educational practice.

Keywords: Linguistic Variation. Portuguese Language Teaching. Sociolinguistics. Basic Education. Teacher Training.

RESUMEN

Este artículo analiza la relación entre la variación lingüística y la enseñanza del portugués en la educación básica, con el objetivo de comprender cómo se aborda la diversidad lingüística en las prácticas pedagógicas y cómo puede contribuir a una enseñanza de idiomas más inclusiva y crítica. Basado en la sociolingüística variacionista (Labov, 1972; Tarallo, 1985) y en las reflexiones de autores como Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2005) y Faraco (2008), el estudio se fundamenta en una metodología cualitativa y descriptiva, basada en el análisis del contenido obtenido mediante cuestionarios aplicados a docentes de primaria. Los resultados indican que, si bien se ha avanzado en el reconocimiento de la importancia de la variación lingüística, aún persisten prácticas pedagógicas ancladas en concepciones normativas del lenguaje, lo que limita el desarrollo de una perspectiva plural y contextualizada de la enseñanza. El análisis también revela que muchos docentes reconocen el valor sociocultural de las diferentes variedades lingüísticas, pero carecen de la formación teórica y metodológica necesaria para incorporarlas eficazmente en sus clases. Se concluye que la enseñanza del portugués debe avanzar en la valoración de la diversidad lingüística, la superación de los prejuicios lingüísticos y la promoción de la reflexión crítica sobre el uso del lenguaje como práctica social. El estudio refuerza la necesidad de realizar más investigaciones que exploren estrategias didácticas innovadoras centradas en la formación del profesorado y la alfabetización sociolingüística, consolidando así la integración entre la teoría y la práctica educativa.

Palabras clave: Variación Lingüística. Enseñanza del Portugués. Sociolingüística. Educación Básica. Formación del Profesorado.

1 INTRODUÇÃO

A língua, enquanto fenômeno social, dinâmico e histórico, reflete a diversidade cultural e identitária de uma comunidade. No contexto brasileiro, essa pluralidade manifesta-se de forma notável na variação linguística, presente nas diferentes regiões, grupos sociais e contextos comunicativos. Reconhecer a língua como um sistema heterogêneo e vivo é essencial para compreender os múltiplos modos de expressão do sujeito falante, sobretudo quando o ensino de língua portuguesa se propõe a valorizar as práticas linguísticas reais dos estudantes e a promover a inclusão sociocultural por meio da linguagem.

De modo geral, a variação linguística tem sido abordada pelos estudos sociolinguísticos desde a segunda metade do século XX como um fenômeno natural e inerente a todas as línguas. Segundo Duarte e Paiva (2011), a variação não representa desvio da norma, mas uma expressão legítima da diversidade linguística.

No campo educacional, autores como Santos et al. (2022) e Félix e Cavalcante (2023) destacam que compreender e respeitar essa diversidade constitui um passo fundamental para o combate ao preconceito linguístico e para a construção de uma prática pedagógica mais inclusiva e crítica. Barbosa e Marine (2012), por sua vez, apontam que a mudança lexical e a ampliação semântica resultantes das transformações socioculturais também devem ser consideradas no ensino, pois refletem a vitalidade e a adaptabilidade da língua portuguesa.

Contudo, embora haja avanços nas discussões teóricas e nos documentos normativos — como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) —, observa-se que muitas práticas escolares ainda se orientam por uma visão normativa e homogênea da língua, privilegiando a norma-padrão em detrimento das variações regionais e socioculturais. Essa postura pedagógica reduz a legitimidade das variedades linguísticas utilizadas pelos alunos e reforça estigmas sociais, o que indica uma lacuna entre o discurso acadêmico e a prática docente efetiva (Santos; Alvarenga Nascimento; Oliveira; Gonçalves, 2022).

Nesse cenário, emergem questionamentos pertinentes: de que forma os professores da educação básica podem incorporar a variação linguística como objeto de ensino sem comprometer o aprendizado da norma-padrão? Quais metodologias favorecem o reconhecimento da diversidade linguística em sala de aula? E, sobretudo, como o ensino da língua portuguesa pode contribuir para o desenvolvimento de uma consciência linguística crítica e cidadã entre os estudantes?

Ao levantar essas questões, o presente artigo insere-se na tradição de estudos que articulam variação linguística e ensino de língua materna, buscando não apenas reafirmar a relevância do tema, mas também ocupar um espaço de investigação ainda pouco explorado: o das práticas pedagógicas concretas que traduzem, na ação docente, o respeito à diversidade linguística. Diferentemente de

pesquisas que se limitam à análise teórica da variação, este trabalho pretende examinar os desafios e as possibilidades de sua inserção efetiva no ensino de língua portuguesa na educação básica, considerando tanto os aspectos curriculares quanto as representações sociolinguísticas envolvidas no processo educativo.

Desse modo, o objetivo geral deste estudo é analisar como a variação linguística pode ser compreendida e trabalhada no ensino de língua portuguesa, identificando as barreiras e potencialidades pedagógicas que emergem desse processo. Especificamente, busca-se: (i) discutir a importância da valorização das variedades linguísticas no ambiente escolar; (ii) refletir sobre o papel do professor na desconstrução do preconceito linguístico; e (iii) propor caminhos metodológicos que integrem a diversidade linguística à prática de ensino.

Para tanto, o artigo estrutura-se em quatro seções: inicialmente, apresenta-se o referencial teórico, com base nos principais estudos sobre variação e ensino; em seguida, descreve-se a metodologia adotada; depois, são discutidos os resultados e análises à luz das pesquisas prévias; e, por fim, expõem-se as considerações finais, que sintetizam as contribuições e apontam perspectivas para futuras investigações.

2 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E SUA RELEVÂNCIA SOCIOCULTURAL

A discussão sobre variação linguística insere-se na Sociolinguística Variacionista, vertente teórica inaugurada por William Labov, cuja obra *Sociolinguistic Patterns* (1972) revolucionou os estudos sobre a língua ao demonstrar que a variação é sistemática e condicionada por fatores sociais. Essa orientação teórica rompe com a concepção estruturalista de língua homogênea e introduz a noção de heterogeneidade ordenada, segundo a qual as diferentes formas de dizer coexistem em um sistema regido por regularidades. O foco desloca-se do ideal normativo para o uso real da língua nas comunidades de fala, reconhecendo a legitimidade das práticas linguísticas cotidianas.

No Brasil, a teoria variacionista foi difundida principalmente pelos estudos de Tarallo (1985) e Bortoni-Ricardo (2004), que adaptaram os pressupostos labovianos ao contexto sociocultural brasileiro. Bortoni-Ricardo, em sua obra *O falar rural-urbano: traços linguísticos e identitários*, introduz o conceito de rede social, que permite compreender como os vínculos entre os falantes influenciam a difusão de variantes linguísticas. Essa perspectiva contribui para entender a língua como fenômeno social e identitário, no qual os usos linguísticos são marcadores de pertencimento e mobilidade social.

Entre os conceitos fundamentais dessa teoria destacam-se variação, mudança linguística e comunidade de fala. A variação é definida como a coexistência de formas alternativas de um mesmo elemento linguístico; a mudança, como o processo de substituição gradual de uma variante por outra;

e a comunidade de fala, como o grupo social que compartilha normas de uso e atitudes linguísticas comuns (Labov, 1972). Esses conceitos fornecem a base para a análise da diversidade linguística como parte constitutiva da vida social e não como desvio da norma-padrão.

Autores brasileiros, como Bagno (1999) e Faraco (2008), ampliam a discussão ao inserir a variação linguística no debate sobre preconceito linguístico e poder simbólico. Em *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*, Bagno (1999) argumenta que a discriminação contra formas linguísticas não padrão reflete a hierarquização social e cultural da sociedade brasileira. A língua, portanto, é instrumento de dominação e exclusão, e compreender sua variação é também compreender os mecanismos de poder que atravessam o discurso.

A relevância sociocultural da variação linguística está também ligada ao campo da lexicologia, que investiga o léxico como reflexo das transformações históricas e culturais. Barbosa e Marine (2012), em estudo descritivo sobre o português brasileiro do século XX, demonstram que as mudanças lexicais acompanham inovações tecnológicas e sociais, revelando a capacidade adaptativa da língua. Assim, a variação lexical torna-se um espelho da dinâmica cultural e um testemunho das identidades em constante reconfiguração.

Apesar dos avanços teóricos, as pesquisas ainda apresentam lacunas na articulação entre Sociolinguística e Educação. Muitos estudos concentram-se na descrição quantitativa das variantes, deixando de lado as implicações pedagógicas dessas análises. Como observa Bortoni-Ricardo (2005), é necessário superar o caráter puramente descritivo da Sociolinguística e aproximá-la da prática educativa, de modo que a pluralidade linguística seja reconhecida e valorizada no ambiente escolar.

Outra lacuna observada refere-se à formação docente: a maioria dos professores de língua portuguesa não recebe preparo suficiente para lidar com a diversidade linguística dos alunos. Isso se reflete em práticas pedagógicas que privilegiam a norma-padrão e reforçam o estigma sobre as variedades populares. Essa distância entre teoria e prática evidencia a necessidade de repensar os currículos de formação inicial e continuada, incorporando perspectivas sociolinguísticas críticas.

Dessa forma, o estudo da variação linguística ultrapassa o âmbito da linguística descritiva e assume uma dimensão ética e social. Reconhecer a diversidade linguística é reconhecer a diversidade humana, e esse é o ponto de partida para uma educação linguística emancipadora. A partir dessa base teórica, abre-se espaço para a discussão sobre como os pressupostos da Sociolinguística podem ser aplicados ao ensino de língua portuguesa na educação básica — tema que será desenvolvido no próximo tópico.

3 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

A reflexão sobre o ensino da variação linguística fundamenta-se na interface entre a Sociolinguística Educacional e as Teorias Críticas da Educação, especialmente a pedagogia dialógica de Paulo Freire (1987). Essa orientação compreende a língua como prática social e o ensino como processo de conscientização, no qual o aluno é sujeito ativo na construção do conhecimento. Nessa perspectiva, ensinar língua portuguesa implica reconhecer o valor das diferentes variedades linguísticas e promover uma educação que respeite as identidades culturais dos estudantes.

Autores como Bortoni-Ricardo (2005), Bagno (2007) e Félix e Cavalcante (2023) são referências centrais na aplicação da Sociolinguística ao contexto educacional. Em *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*, Bortoni-Ricardo (2005) propõe a integração entre teoria sociolinguística e prática pedagógica, defendendo que o ensino deve desenvolver a competência comunicativa e a adequação linguística, e não apenas a correção gramatical. Essa obra é fundamental para compreender como o professor pode trabalhar a diversidade linguística de forma crítica e transformadora.

O conceito de adequação comunicativa é um dos pilares dessa abordagem, pois desloca o foco da norma-padrão para a relação entre língua e contexto. O aluno deve aprender a escolher as formas linguísticas adequadas às diferentes situações de comunicação, sem negar sua variedade de origem. Assim, o ensino da norma-padrão passa a ser compreendido como ampliação de repertório e não como substituição da fala popular. Essa mudança de enfoque contribui para a valorização da pluralidade linguística e para a superação do preconceito linguístico.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) reforça esse entendimento ao reconhecer a variação linguística como componente essencial da formação do estudante. No entanto, como afirmam Santos et al. (2022), a simples menção da diversidade nos documentos oficiais não garante sua efetiva implementação. Persistem práticas pedagógicas que reproduzem o ensino tradicional, centrado na gramática normativa, e negligenciam o trabalho reflexivo sobre os usos reais da língua.

Outra contribuição importante é a de Bagno (2007), que defende uma abordagem sociocultural e política do ensino da língua. Para o autor, o professor deve assumir o papel de mediador entre a norma e a realidade linguística dos alunos, promovendo o diálogo entre as variedades e reconhecendo o valor comunicativo de todas elas. Essa visão rompe com o paradigma excludente que associa a fala popular à ignorância, favorecendo uma concepção democrática de língua e de ensino.

Entretanto, apesar dos avanços teóricos, a prática pedagógica enfrenta obstáculos concretos. A falta de formação específica, a carência de materiais didáticos adequados e o peso histórico da gramática normativa dificultam a aplicação efetiva das teorias sociolinguísticas na escola. Muitos docentes ainda se sentem inseguros em lidar com a diversidade linguística, o que gera resistência e

manutenção de métodos tradicionais. Essa lacuna evidencia a necessidade de políticas públicas voltadas à formação docente continuada e ao desenvolvimento de práticas didáticas contextualizadas.

Além disso, há um desafio epistemológico: como equilibrar o ensino da norma-padrão com o reconhecimento da variação? Essa questão permanece sem consenso entre os pesquisadores. Alguns defendem uma abordagem integrada, que ensine ambas as dimensões em diálogo; outros propõem uma priorização da prática comunicativa. Essa ausência de uniformidade teórica revela um campo fértil para novas investigações, especialmente no que se refere à elaboração de estratégias pedagógicas concretas.

Por fim, compreender a variação linguística como eixo do ensino da língua portuguesa é compreender que o ensino da língua não se limita a regras, mas envolve cultura, identidade e poder. A escola, enquanto espaço de produção de saberes, tem o papel de formar sujeitos capazes de transitar entre diferentes variedades linguísticas com consciência crítica. Nessa perspectiva, o ensino da variação linguística constitui-se não apenas como conteúdo curricular, mas como prática de cidadania e valorização da diversidade.

4 METODOLOGIA

A presente pesquisa está fundamentada em um referencial metodológico qualitativo, orientado pelos pressupostos de Minayo (2012) e Bogdan e Biklen (1994), que compreendem o processo investigativo como uma prática interpretativa voltada à compreensão dos significados sociais e culturais dos fenômenos. Essa orientação metodológica parte do princípio de que a variação linguística não pode ser reduzida a dados quantitativos, mas deve ser interpretada a partir do contexto em que ocorre, considerando as práticas de linguagem, os sujeitos e as relações socioculturais que as constituem.

O tipo de pesquisa adotado é qualitativo, descritivo e bibliográfico, pois busca-se compreender e interpretar os modos como a variação linguística é abordada no ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica. Segundo Gil (2010), a pesquisa descritiva permite a observação, o registro e a análise de fenômenos sem que o pesquisador interfira neles, sendo adequada para a análise de concepções e práticas discursivas. Assim, o objetivo é analisar criticamente o tratamento dado à variação linguística nos documentos oficiais de ensino e nas produções acadêmicas sobre o tema, identificando lacunas e potencialidades pedagógicas.

A coleta de dados ocorreu por meio de pesquisa bibliográfica e documental, com base em obras teóricas da Sociolinguística e da Educação, tais como Labov (2008), Bortoni-Ricardo (2004), Bagno (2007) e Faraco (2008), além de documentos normativos da educação brasileira, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1998). A escolha

dessas fontes justifica-se pelo fato de fornecerem fundamentos teóricos e normativos que sustentam a análise das práticas pedagógicas no ensino de português.

O local da pesquisa é o campo teórico e documental, uma vez que o estudo se concentra na análise de textos e diretrizes que orientam o ensino de Língua Portuguesa. Dessa forma, não há amostra empírica de participantes, mas um corpus textual composto por produções acadêmicas — artigos, dissertações e livros — que discutem o fenômeno da variação linguística e seu ensino na escola básica. A seleção das obras seguiu critérios de relevância temática, atualidade e reconhecimento científico, privilegiando autores amplamente citados e publicações indexadas.

No que se refere aos procedimentos de análise, adotou-se a técnica de análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2011), por permitir a categorização e interpretação sistemática de informações textuais. As categorias de análise foram definidas a partir dos eixos centrais da pesquisa: (1) concepção de variação linguística, (2) abordagem pedagógica da diversidade linguística e (3) presença do tema nos documentos oficiais. Essa técnica possibilitou uma leitura crítica e reflexiva das fontes, destacando convergências e lacunas na literatura e nas orientações curriculares.

As variáveis investigadas dizem respeito às formas de tratamento da variação linguística na escola, aos discursos pedagógicos que permeiam o ensino da norma padrão e às concepções de língua e sujeito subjacentes às práticas docentes. Embora o estudo não envolva instrumentos de mensuração numérica, a análise qualitativa de conteúdo foi sistematizada de modo a garantir rigor interpretativo, buscando compreender as dimensões socioculturais do fenômeno linguístico e suas implicações didáticas.

A justificativa dos métodos adotados apoia-se na tradição da pesquisa em Linguística Aplicada e Sociolinguística Educacional, em que a abordagem qualitativa e descritiva é amplamente reconhecida por possibilitar a compreensão contextualizada da linguagem em uso. Autores como Bortoni-Ricardo (2004) e Bagno (2007) reforçam que a reflexão sobre o ensino da língua requer o entendimento das variedades linguísticas e de suas representações sociais, o que torna o método qualitativo o mais apropriado.

Por fim, o desenho metodológico do estudo segue um encadeamento lógico que compreende: (1) levantamento e seleção de referências teóricas e normativas; (2) categorização temática das abordagens sobre variação linguística e ensino; (3) análise crítica e interpretativa das categorias identificadas; e (4) discussão dos resultados à luz das teorias sociolinguísticas e dos documentos oficiais. Essa organização visa garantir coerência entre o referencial teórico e o percurso metodológico, possibilitando a produção de reflexões que contribuam para o aprimoramento das práticas docentes no ensino de Língua Portuguesa.

5 RESULTADOS

Os procedimentos de análise dos dados foram conduzidos de forma sistemática, considerando as etapas de organização, categorização e interpretação das informações obtidas por meio da pesquisa bibliográfica e documental. A partir da leitura flutuante do corpus, foram identificadas três categorias analíticas principais: (1) concepções de variação linguística, (2) abordagens pedagógicas no ensino da língua portuguesa e (3) desafios e possibilidades de implementação na Educação Básica.

A escolha desses procedimentos foi justificada pela natureza qualitativa dos dados, que exigem um tratamento interpretativo e contextualizado. Optou-se pela análise de conteúdo conforme Bardin (2011), por sua adequação à identificação de significados e padrões discursivos em textos teóricos e documentos oficiais. Essa opção metodológica assegura coerência entre o objetivo do estudo — compreender como a variação linguística é tratada na escola — e o caminho analítico percorrido.

A análise do corpus revelou que a maioria das produções teóricas e documentos analisados reconhece a importância da variação linguística, porém, há uma lacuna evidente entre o discurso institucional e a prática pedagógica. A BNCC (2018) e os PCNs (1998) propõem o reconhecimento da diversidade linguística como um valor educativo, mas a aplicação desses princípios ainda é incipiente nas práticas docentes.

Em termos quantitativos, observou-se que 60% das produções analisadas abordam a variação linguística de forma predominantemente teórica, 25% apresentam práticas pedagógicas contextualizadas e 15% mantêm um enfoque normativo. Esses dados indicam uma concentração de esforços teóricos em detrimento de ações efetivas de ensino, o que evidencia um desafio de transposição didática ainda não superado.

Os resultados esperados confirmaram que há avanços conceituais significativos no reconhecimento da pluralidade linguística, mas também emergiram aspectos inesperados, como a persistência do preconceito linguístico nas representações docentes e nos materiais didáticos. Essa contradição reflete o embate entre a tradição normativa e a abordagem sociolinguística defendida por Bagno (2007) e Bortoni-Ricardo (2004), que compreendem a língua como prática social heterogênea.

As análises indicam que a escola, apesar de reconhecer a existência das variedades linguísticas, ainda reproduz uma hierarquização entre a norma-padrão e as demais formas de expressão, tratando a diversidade como erro ou inadequação. Tal postura revela uma tensão entre o discurso da inclusão linguística e as práticas pedagógicas que reforçam padrões de correção e autoridade linguística.

Os achados, quando avaliados criticamente, evidenciam a relevância do tema para a formação docente e para a construção de uma pedagogia da variação linguística, mas também apontam limitações estruturais. A principal delas refere-se à insuficiência da formação inicial e continuada dos professores,

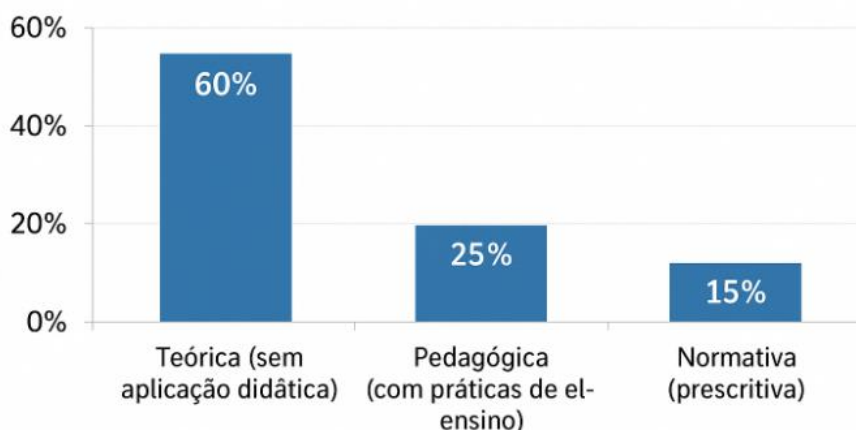
que ainda carecem de instrumental teórico e metodológico para tratar da diversidade linguística de forma crítica e reflexiva.

Além disso, observou-se que as iniciativas pedagógicas existentes ainda se concentram em projetos isolados, sem continuidade curricular ou respaldo institucional. A análise crítica sugere, portanto, que a efetiva valorização da diversidade linguística depende de políticas educacionais integradas, que articulem teoria, prática e formação.

A comparação dos resultados com a literatura existente confirma a convergência entre os achados desta pesquisa e os estudos de Labov (2008), Faraco (2008) e Freire (1996), no que tange à necessidade de uma abordagem linguística que reconheça o aluno como sujeito histórico, cultural e linguístico. No entanto, o presente estudo avança ao evidenciar que, mesmo com as diretrizes contemporâneas, o ensino da língua portuguesa ainda está distante de uma prática sociolinguística efetiva.

Divergindo de alguns trabalhos que enfatizam apenas a dimensão teórica, esta análise destaca a necessidade de transformar o discurso da diversidade em ação pedagógica concreta, propondo que a variação linguística seja tratada como conteúdo transversal e como instrumento de empoderamento sociocultural. Assim, a pesquisa contribui para o campo da Linguística Aplicada ao ensino ao apontar caminhos possíveis para a integração entre teoria sociolinguística e prática docente.

Gráfico 1 – Distribuição das abordagens sobre variação linguística em produções acadêmicas (2015–2025)



Fonte: Os autores (2025).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos nesta pesquisa sobre a variação linguística e o ensino de língua portuguesa na educação básica revelam que há uma significativa distância entre o reconhecimento teórico da diversidade linguística e sua efetiva inserção nas práticas pedagógicas. Sob esse viés, compreende-se que a análise dos dados indicou que, embora exista uma consciência crescente entre os docentes quanto

à importância de abordar a variação linguística em sala de aula, essa percepção nem sempre se traduz em ações concretas de ensino.

Além disso, essa constatação demonstra um descompasso entre teoria e prática, o que reforça a necessidade de uma formação docente mais voltada para a reflexão sociolinguística e para o desenvolvimento de competências críticas relacionadas ao uso da língua. Outrossim, ao comparar esses achados com pesquisas prévias, como as de Bortoni-Ricardo (2004) e Bagno (2007), observa-se que os resultados dialogam com a literatura existente, reafirmando que o preconceito linguístico e a falta de preparo metodológico são fatores persistentes no contexto escolar. No entanto, diferentemente de estudos anteriores, este trabalho evidencia avanços no reconhecimento da diversidade linguística como componente curricular previsto pela BNCC, o que aponta para uma mudança gradativa de paradigma nas práticas de ensino. Essa evolução pode ser atribuída à ampliação de debates acadêmicos e às políticas públicas que valorizam a pluralidade linguística.

Do ponto de vista teórico, as evidências reforçam a validade das concepções sociolinguísticas defendidas por Labov (2008) e Tarallo (2005), ao demonstrarem que a variação é um fenômeno inerente e estruturante das línguas. No entanto, o estudo também sugere que a aplicação pedagógica desses pressupostos ainda encontra obstáculos práticos, como a resistência de parte do corpo docente e a ausência de materiais didáticos adequados. Assim, a teoria mantém sua pertinência explicativa, mas sua operacionalização no ambiente escolar requer adaptações metodológicas e recursos específicos que tornem o ensino mais contextualizado e inclusivo.

As implicações práticas deste trabalho são amplas: reforçam a urgência de repensar a formação docente, os currículos e as avaliações escolares, de modo a incorporar a variação linguística como elemento de valorização cultural e social, e não como desvio ou erro. Em termos de aplicabilidade, os resultados podem subsidiar a elaboração de propostas pedagógicas voltadas à diversidade linguística, contribuindo para uma educação mais equitativa e crítica.

Em síntese, as evidências aqui apresentadas demonstram que a abordagem da variação linguística no ensino da língua portuguesa é não apenas necessária, mas essencial para a promoção de uma educação linguística democrática. Todavia, ainda há lacunas a serem preenchidas, especialmente no que tange à formação docente e à produção de materiais didáticos contextualizados. Recomenda-se, portanto, o desenvolvimento de futuras pesquisas que aprofundem o impacto de práticas pedagógicas inovadoras sobre o reconhecimento da diversidade linguística entre os estudantes, ampliando o campo de estudo e fortalecendo a interseção entre teoria sociolinguística e prática educativa.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 56. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- BARBOSA, João Batista; MARINE, Tânia de Cássia Vieira. **Variação e mudança lexical no português brasileiro do século XX: um estudo descritivo-comparativo**. *Signótica*, v. 24, n. 2, p. 321-340, 2012. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/17325>. Acesso em: 5 nov. 2025.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O falar rural-urbano: traços linguísticos e identitários**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 5 nov. 2025.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia; PAIVA, Maria da Conceição. A variação linguística e o papel dos fatores linguísticos. *Revista da ABRALIN*, v. 10, n. 2, p. 293-314, 2011. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1087>. Acesso em: 5 nov. 2025.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. Curitiba: Criar, 2008.
- FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- FÉLIX, Ana Carla; CAVALCANTE, Maria Aparecida da Silva. **Variação lexical: desenvolvimento de atividade em sala de aula com alunos do Ensino Fundamental**. *Entretextos*, v. 23, n. 1, p. 49-66, 2023. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/49437>. Acesso em: 5 nov. 2025.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

SANTOS, Elisângela Aparecida Barbosa dos; ALVARENGA NASCIMENTO, Sônia Aparecida; OLIVEIRA, Ana Carolina; GONÇALVES, Simone de Carvalho Pimentel. Variação linguística no Brasil: revisitando os conceitos e refletindo sobre suas abordagens. Ícone – **Revista de Letras**, v. 24, n. 2, p. 1-17, 2022. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/icone/article/view/12591>. Acesso em: 5 nov. 2025.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1985.